

Caminhar e parar. Entre o mattatoio e o chaos.

Adalton da Motta Mendonça

Sociólogo, doutor em Planejamento Urbano e Regional, IPPUR | UFRJ

Contato: professor.adalton@gmail.com

Resumo

A partir das leituras dos livros de Francesco Careri, apresentamos esta resenha crítica onde tentamos ir além e ao contrário. Comentamos desde a antropogeografia o encontro com o lado humano e particular nas obras, construindo um diálogo imaginário com o autor. Careri apresenta o difícil ato de caminhar pela alteridade nos passos e nos laços que nos unem enquanto seres humanos. Nele, descreve simultaneamente o caminho e o caminhante, a alegria e o sofrimento, a sociedade e o ser social que nela habita. São 124 páginas de constante ipsisetnografias através da observação, de antropologia espontânea multissituada, mas também da poética intuição arquitetônica.

Careri tenta dizer que não somos bons o suficiente e que precisamos caminhar com coragem para reconhecer o outro no caminho. Francesco Careri em seu livro anterior Walkscapes apresenta o caminhar como prática estética, mas no atual eleva o ato de caminhar à categoria etnográfica. Mostra o caminhar como instrumento de criação e de transformação do espaço físico, mas também do espaço interior do leitor. Trata-se de uma obra plena de possibilidades, de afetos e memórias coletivas. Careri dá um passo à frente. Viaja pelo mundo, introduz a pausa, a contestação política do refugiado.

Apresenta experiências e reflexões como a do coletivo Stalker, das cidades ciganas e de algumas das nossas favelas. Introduz-nos no universo da ética em um mundo que beira a um caos migratório.

Enfim, leitura obrigatória para estudantes da novíssima questão urbana, da arquitetura + humana e sem máscaras que ensina a perder tempo para ganhar es-

paço. Ensina a impossibilidade objetiva de ser nômade num mundo cada vez mais alimentado pelo ódio ao outro. Livro bom para devorar como bons selvagens urbanos do século XXI diria Claude Lévi-Strauss. Também para pensar a problemática urbana e construir soluções coletivas a partir da imaginação antropológica.

“Lutar foi sempre, mais ou menos, uma forma de cegueira... o mundo caridoso e pitoresco dos ceguinhos acabou, agora é o reino duro, cruel e implacável dos cegos, Se tu pudesses ver o que eu sou obrigada a ver, quererias estar cego... Sei, sei, levei a minha vida a olhar para dentro dos olhos das pessoas, é o único lugar do corpo onde talvez ainda exista uma alma, e se eles se perderam”¹.



Menino Aylan Kurdi, refugiado da Síria morto aos 3 anos. Artista e cineasta

Fonte: AP Shreethar

Careri reúne agora artigos escritos durante vinte anos, desde 1996, para retomar o Walkscapes não mais enquanto prática estética, mas agora como prática política do mito do Stalker2, que conduz à representação humanista de um coletivo romano de arquitetos e artistas que na década de 1990 assumiram o caminhar como instrumento de ação. Em 2002, esse coletivo transforma-se em “Stalker observatório nômade” e a partir de 2009 torna-se uma rede de trabalhos e projetos com siglas diferentes. Do passeio por Roma nasce uma nova forma de etnografia, negada pelo autor, que classifica os “nativos” e os novos habitantes (pastores, imigrantes albaneses ou poloneses). Careri observa que esses sujeitos dominam segredos, entradas e saídas do lugar. Enquanto zona inatingível para comuns³, aberto apenas para iniciados no métier.

O percurso traçado pelo coletivo Stalker, atravessando o interior de vazios urbanos, permite observá-los a partir da dinâmica urbana que constrói e destrói a cidade e modifica o território, seja na busca da valorização permanente do capital ou nas mudanças do vir a ser. Enfim, o autor observa que os fragmentos, enclaves ou friches da cidade antiga podem ser reinterpretados como ilhas de um “arquipélago, cujo mar é um grande vazio informe”, vazio “construído”, um fundo de mar onde boiam estruturas urbanas que o autor permite chamar de clusters.

A complexa dinâmica como uma nuvem cigana que muda de um minuto para o outro a sua forma, ou como uma galáxia descrita pela geometria fractal. Um novo olhar sobre a cidade se converte em jogo: o jogo do corpo em movimento. A geometria fractal dá origem ao “arquipélago fractal”, de grandes vazios urbanos que podem ser também friches humanas que permitem a compreensão do atual estado de declínio do capitalismo produtor de vazios urbanos e humanos. Espaços, aparentemente esquecidos, mas na verdade adormecidos à espera de valorização ou de novos usos. Humanos, aparentemente destruídos, mas na verdade entorpecidos à espera de revolução dos novos tempos. Certa amnésia urbana, porque tais vazios “esquecidos” na verdade não existem. Têm dono ou estão prontamente preparados para serem ocupados. Basta apagar as luzes e avisar aos movimentos sociais organizados para ocupá-los.

Vazios e humanos como espaços nômades modificados e que modificam a cidade ao mesmo tempo e quase a todo o tempo. Antes os novos leões, hic sunt Leones, como nos mapas geográficos das navegações para o novo mundo em novas rotas traçadas entre mares imagináveis, descobertos entre escombros de uma Europa que agora se redescobre. Agora, como corpos à deriva, seguindo para o velho mundo, prontos para serem explorados. Como novas carnes laceradas entre mares mediterrâneos e atlânticos entre botes e campos de concentração de uma Europa que agora se esconde.

Careri inicia seu trajeto, desvendando o campo Boario, uma espécie de acampamento, favela e antiga ocupação de imigrantes. Observa como se dá o convívio pós-moderno, pós-globalização, que transbor-da essas linhas imaginárias da cidade legal, atravessa a cidade informal e permeia novas fronteiras. Essa nova cartografia desvenda fronteiras visíveis e invisíveis. Quando eu pesquisava as friches urbanas, sofria uma experiência de tristeza e melancolia solitária. Já Careri afirma que o seu ato de etnografar o habitar é uma experiência do sofrer com os outros e consumir o espaço, mas sobretudo ser consumido por este. Espaço leão manso que se transforma em pesadelo para europeus e alimenta fantasmas: nacionalismo, xenofobia, fascismo etc.

O autor cita o exemplo da ocupação do povo curdo, maior povo sem Estado no mundo, que em Roma ocupou um espaço que representava, ao mesmo tempo, a vida e a morte. Procuram fixar raízes, mas as folhas estão secando e os galhos são cortados. Procuram jardins onde possam fincá-las, mas encontram espinhos na carne. Enquanto isso, a tribo Stalker, composta por de arquitetos e artistas, segue seu rumo reconhecendo povos locais e imigrantes como se desvenda a lógica antropológica.

Começa com o estranhamento e o distanciamento e, termina com o encontro. Dessa lógica, surge um ruído que poderia ter sido reduzido se o autor utilizasse novas técnicas do trabalho de campo. Estão à deriva no campo Boario. O autor descreve o espaço onde a cidade tira a sua máscara, mas também onde são produzidas novas que escondem formas de sociabilidade, onde processos de socialização permanente são cons-

truídos e destruídos com novas chegadas e partidas de imigrantes. O autor utiliza o termo deriva com o sentido náutico⁵, não deleuziano⁶. Quem navega aprende os perigos do mar e do aproximar-se da costa, mas deve saber onde parar, fundear, desembarcar e como falar com os “nativos”.

O conceito de deriva aparece como sinônimo ou referência do etnografar. Parafrazeando Bourdieu, eu diria: típico caso de antropologia espontânea. Não é uma antropologia de risco, como a que se fazemos nas ruas do Rio, mas um “esporte de combate” onde quem ganha dessa vez é o autóctone, diferente de Caim bíblico sem sinal na testa para protegê-lo. Percorre vielas e favelas para aprender a arte do conceito. Ser conceituado é ser aceito. Ter conceito na quebrada é ser respeitado. Ser conceituado é ter a moral dos amigos. Significa, também, conhecer a arte de entrar e sair sem pagar o preço com a própria vida.

Como os ciganos senti, rom ou mesmo os cale sabem a hora e o local de parar e jogar a âncora? A necessidade faz o momento e o momento faz a necessidade. Faltou aqui a abordagem microssociológica debruçando-se sobre o pequeno cotidiano dos grupos citados. Faltou uma experiência de imersão total, diria Boas, ou uma descrição densa, diria Geertz. Enquanto escrevo, observo da minha janela o revezamento de moradores de rua acampados perto da entrada do metrô. Não são ciganos e, um em especial me parece antropólogo. Penso: pode ser um antropólogo que parece um morador de rua. Só o ato de imersão no trabalho de campo nos dá a reposta. Faltou ao autor se confundir com o seu objeto sem objetivá-lo, tecer a teia de significados e viver entre eles, interpretar o campo Boario ou a New Babylon como espaços rellenos e seus significados que se constroem ao observá-los⁷.

Diferente da arquitecatura peripatética, o trabalho etnográfico deve ser sempre uma construção inacabada, pois quando chegamos ao fim devemos mudar os projetos. Boario continua na mente do leitor de Careri, com nostalgia ou esperança, pois essa experiência construiu um texto no solo urbano com múltiplas mãos, mas que infelizmente não ficará na memória do lugar por muito tempo.

As “vilas da solidariedade”, por sua vez, também não são as únicas soluções para o problema dos ciganos rom, por exemplo. Mais provável é que as “novas cidades para nômades” possam ser os guetos do novo apartheid e os campos de refugiados novos campos de concentração humana. Depositar seres humanos em fileiras de contêineres com cercas metálicas vigiadas 24 horas é um crime contra a humanidade. Um campo onde há uma grande concentração de refugiados não deixa de ser um campo de concentração maquiado. Se eles têm hora para entrar e hora para sair, não têm liberdade. Se eles são presos e deportados, não têm igualdade. Se não têm trabalho nem dignidade para comprar a sua própria comida, não tem solidariedade. Se a sua própria pátria os descarta, se nascem em países, mas não recebem cidadania, são apátridas sem fraternidade. Não muito distante, a ocupação Savoengoker⁸ com suas casas queimadas e seus habitantes expulsos remete ao personagem Etienne, o professor de Filosofia do filme: Uma temporada na França, 2018⁹.

Ao ver o seu barraco e seus livros queimados pela ultradireita francesa ele coloca fogo em seu próprio corpo como ato extremo de desespero e desesperança.

Outro morar coletivo, o Cassino 900 também tem seus moradores expulsos para as vilas de solidariedade após o despejo em 2010. Esse tipo de morar coletivo lembrar os okupas anarquistas de Barcelona replicados no Brasil pelo MTST¹⁰ que desnudam a inutilidade e a cegueira sociopolítica da direita que nega o déficit habitacional em toda a parte e criminaliza os movimentos sociais e indiretamente, propõem uma política de “limpeza urbana” no pior dos sentidos, excluindo pobres, negros, imigrantes, seres humanos em situação de rua marginalizados e supra numerários.

Francesco Careri também comenta o Metropolitiz, antigo friche industrial, fábrica abandonada em Roma, onde duzentos imigrantes, entre peruanos, dominicanos, marroquinos, tunisianos entre outros, falam uma nova língua para além do esperanto. O autor chama essa nova língua de pidgin. Também apelidada de makan - em árabe lugar ou também melodia improvisada - lembra a origem bíblica de Babel, local onde o Senhor confundiu a língua de todo o mundo e os es-

palhou por toda a terra¹¹. Careri conduz o leitor à utopia de Henri Lefebvre para distinguir entre utopistas e utopianos, ou seja, entre utopias abstratas e utopias concretas. Metropoliz foi uma utopia concreta, algo impossível enquanto plano, mas que se torna possível com contato permanente com o outro.

Falta do saber sobre a sociodiversidade. Ao aplicar termos como: crioulo, mestiço e meio-sangue, Careri trata culturas em contato permanente como interculturalidade, os encontros e desencontros dos deslocamentos populacionais como acontecimentos revolucionários, e não como possíveis fricções interétnicas:

“Os imigrantes carregam consigo essa capacidade de transformação informal da cidade que, no passado, permitiu-nos construir nossas cidades. São eles que repovoam muitos dos espaços públicos que a cidade deixara vazios ou abandonados, as praças e os jardins dos centros históricos, como também os espaços móveis dos ônibus e dos metrô. Partes de cidades que começaram a transformar-se graças a novos usos e comportamentos: festas e rituais comunitários, habitações temporárias, phone centers, vendas de produtos alimentares, mercados improvisados nas estações de chegada e de partida das vans transnacionais, fenômenos temporários que se ativam só a determinadas horas de um determinado dia, até ações mais cotidianas, como a de por na calçada uma cadeira para encontrar e conversar com os vizinhos de casa”. (Página 58 e 59).

Se, cada vez mais, as cidades poderão receber mais imigrantes então novos usos e novas sociabilidades poderão ser construídas/destruídas- novos habitantes em novas *communitas existências*¹², novos comportamentos, novos ambulantes à deriva nos grandes centros das cidades, a rua como um novo condomínio intercultural. Seria algo como uma reprise do *Blade Runner*, obra de arte provisória no centro do mundo que mistura simulacro de cidade burguesa com favela, villa e comuna, termos que emergem em quase toda a América Latina e são carregados de forte peso negativo e preconceito nesse primeiro contato¹³.

Ao reviver a sua viagem para Santiago no Chile Careri comenta desde os males de Augusto Pinochet, até a descoberta do significado da Avenida Onze de Setembro. Desnuda o golpe e assassinato do presidente Allende que transformou o Chile em uma das primeiras cobaias do projeto neoliberal¹⁴. O autor se pergunta por que ninguém enfrenta a história recente e não fala na sanguinária ditadura. Aqui também não passamos a história a limpo e os torturadores não foram presos. Comenta a transurbância, um percurso em etapas pelo centro de Santiago seguindo cartazes colocados nos pontos de ônibus, algo como transferir a universidade para as ruas. Relata, também, o encontro com jovem filho de militantes do movimento de esquerda revolucionária. O jovem, chamado El Kike, fez um desenho proibido em uma praça com um percurso que confundiu os feirantes. Mostra que os feirantes não sabiam quem tinha feito essa “nova ordem tão absurda”, mas obedecem cegamente ao poder invisível das linhas traçadas por um “arquiteto” espontâneo ou quem sabe da polícia que encarna o poder desde a ditadura. Infelizmente, Careri não andou pela linha quatro do metrô de Santiago e não teve a sorte de escutar os personagens urbanos como Don Nolbe. Cantante e poeta naïf do metrô, que canta as suas críticas sociais contra o capitalismo que destruiu a sua vida e de milhares de chilenos com a destruição da seguridade social¹⁵.

Foi-se o tempo que se podia andar pelas ruas fazendo o que quer e desfrutando dos prazeres. Agora o poeta tenta ressignificar a sua vida e encontrar a felicidade nas coisas mais simples, como caminhar à deriva pelas ruas de Santiago sem respeitar nenhuma agenda nem cumprir nenhum horário:

Que es lindo vivir la vida haciendo lo que uno quiere
Disfrutar de los placeres que la ocasión le presenta
Sin tener ninguna agenda que le marque los deberes
Hacer o que uno prefiere sin cumplir ningún horario
Ni mirar el calendario para tener que colmar

Lo que le quieran paga en cuotas si es necesario
 Eso de ser proletário a mí nunca me gustó aunque que también me tocó caminar sobre la cuerda
 Pero los mandé a la mierda cuando algo no me gustó
 Si no piensan como yo escuchen bien lo que digo
 El patrón nunca es amigo sólo de labio hacia fuera
 Porque cuando él lo profiera les va a imponer su castigo
 Por eso mi buen amigo preste usted mucha atención
 Nunca le crea al patrón cuando él muestre confianza
 Porque tiene la esperanza de convertirlo en huevón
 Yo sé que tengo razón para comentar así Los años que yo viví trabajando a patronal
 Muchas veces fui tentado pero nunca me vendí
 A un yo conocí que el patrón lo convenció
 Con dinero lo compró cómo comprar un objeto
 Y sin el menor respeto cuando él quiso lo cagó
 Si algo se me olvidó¹⁶

Sabidamente, o poeta cantante desnuda a alma do andarilho e do imigrante que vaga pelas cidades mundo afora entre encontros e desencontros. A rua não tem mais a velha ágora, mas as reuniões podem ser feitas em ônibus, bares, manifestações e em coletivos de cidadãos. A nova ágora tem pouco tempo para conversas, mas inventam novas *communitas* extemporâneas.

A qualidade do tempo de travessia depende das atividades que podem preenchê-lo. Na Europa, o tempo de viagem se torna tempo produtivo. Aqui no Rio de Janeiro, o tempo da viagem nos coletivos determina o

risco. Enquanto na Europa, segundo Careri, o capital ocupa os espaços dos trens e elimina as porosidades como mesinhas e tomadas quem ampliam o trabalho “produtivo” com os seus computadores, e a viagem se transforma em mais-valia relativa., no Rio cresce o risco das milícias paramilitares transformarem a cidade num panóptico vigiado, controlado e punido onde a subsunção real se torna mais visível.

Careri comentou o espanto dos ouvintes com as semelhanças de Auschwitz durante uma palestra no Chile em 2012. Segundo ele “fora da Europa poucos sabem da sua existência” e de “cidades clandestinas” semelhantes a presídios. Ainda no Chile, comenta sobre o atual prédio do Centro Cultural Gabriela Mistral, CCGM. Antigo Edifício Diego Portales durante o golpe de Pinochet, que fora ocupado pelo comando Militar por causa do bombardeio no Palacio de la Moneda em 11 de setembro de 1973. Golpe arquitetado pelos Estados Unidos durante a ditadura, mas derrotado anos depois. Augusto Pinochet processado, julgado e condenado hoje morto, com sua memória enterrada no mausoléu dos ditadores. A apropriação dos espaços usados por ditaduras deveria ser uma norma recorrente. A reutilização para usos culturais e sociais deveria ser Lei que contemplasse todos os países, sobretudo na América Latina, onde de tempos em tempos, tentam ocultar os crimes à humanidade como o holocausto e o fascismo.

Em Bogotá, Francesco Careri comenta o risco da estratégia peripatética. Andar por uma cidade onde havia sequestros e bombas num território dividido por narcotraficantes não é bem “um passeio noturno”. Implica “fazer amor com Bogotá”, e compartilhar os perigos e as belezas da cidade: caminhar como um ato político com mais de duzentas pessoas a pé, seguindo pela noite. Aqui, por outro lado, presenciamos o caos. Caos citado por Careri nos campos de refugiados. Caos da relação desumana em muitos países europeus. Caos que estudamos aqui no Brasil com o crescimento do trabalho análogo à situação de a escravidão de imigrantes e refugiados. Em São Paulo¹⁷, no Rio Grande do Sul¹⁸, em Belo Horizonte¹⁹ e no Rio de Janeiro²⁰.

No Rio de Janeiro, imigrantes haitianos são escravizados com falsas promessas de trabalho remunerado pelas milícias. Recentemente, em um dos “empreen-

dimentos” controlados por milicianos, nove mortos, quinze desaparecidos e dez feridos em dois prédios que desabaram na sexta-feira, dia 12 de abril de 2019 na comunidade de Muzema no Rio de Janeiro. Se no Rio, milícias exploram imigrantes, em Bogotá, diz o autor, têm manifestação pacífica controlada pela polícia pelas ruas da favela ciudad, e surge um burgo medieval com casas tipo zigurates²² de cabeça para baixo. Já em São Paulo o autor conhece a favela São Francisco, vê de perto a luta pelo direito à moradia e percebe a transformação em luta pelo direito à cidade e ouve a gritaria pelo direito à saúde nas “quebradas paulistas”. Fala de jogo de gato e rato ou operação “enxuga gelo” do poder público.

Na pauliceia, o passeio manifestação segue pela comunidade e o povo entende que a visibilidade é uma armadilha, mas ajuda a resolver alguns problemas. Passa pelos prédios do Projeto Cingapura da década de 1990, pelos prédios da Sehab e pela zona do mutirão construído em 1989 com ajuda de engenheiros e arquitetos. Segue até a área dos sobrados e continua num tipo de escalada até a região do “labirinto” onde encontra comércios e serviços, uma verdadeira favela cidade que ultrapassa cercas de ferro que separam agora os novos prédios da favela, que desaba em meio ao novo urbanismo efêmero das milícias paramilitares.

Morar com risco, mesmo que haja um certo sentimento de mobilidade social não passa de um microsenti-mento para aqueles que deixaram os barracos e foram habitar nos novos prédios. No início, são vistos como pequenos palácios renascentistas que se elevam em meio ao caos. Num tecido medieval, agora com escravos pós-modernos, imigrantes e refugiados em situação de escravidão que nos levam a pensar que na verdade não passam de uma ipso gentrificação, condição necessária para essa nova fase neoliberal. Segundo Careri, a ideia de gentrificação nos espaços urbanos entre pessoas da mesma classe social pode colocar pobres contra pobres, fato que pode produzir no seio da própria classe o antagonismo de forma orgânica. Por isso, o elemento perigoso passa a ser o imigrante ou refugiado, mesmo nunca tenha sido um grande problema gerador de conflitos no país. Soma-se ao exército de pobres urbanos que se mantém ligados pelo sofrimento e pela luta global pela sobrevivência em escala global. O imigrante passa a ser o novo trabalhador nômade, informal, precarizado, explorado em

escala nunca vista antes e quase com um ser humano descartado.

Enquanto em Roma, Careri comenta o cerco à ocupação habitacional Metropoliz e a prisão do seu líder, aqui líderes são presos. Pobres, quando ocupam o poder, são chamados de populistas, segundo Jessé de Souza²⁴. Em Roma, são clandestinos. Mas Careri afirma que: “clandestino é quem dá golpes, rouba a terra, contamina o solo e busca somente o lucro”, não os imigrantes ou refugiados, que buscam uma vida melhor. O autor também relembra as andanças de Geedes pela Índia como bom anarquista que defendia a visão from Bottom up para a produção da cidade.

Concluindo, reproduzo a citação de Frantz Fanon²⁵:

“Nas colônias, o interlocutor legítimo e institucional do colonizado, o porta-voz do colono e do regime de opressão é o policial ou o soldado... Nas regiões coloniais, em contrapartida, o policial e o soldado, por sua presença imediata, suas intervenções diretas e frequentes, mantêm o contato com o colonizado e lhe aconselham, com coronhadas ou explosões de napalm, que fique quieto. Como vemos, o intermediário do poder utiliza uma linguagem de pura violência. O intermediário não alivia a opressão, não disfarça a dominação. Ele as expõe, ele as manifesta com a consciência tranquila das forças da ordem” (2005, p. 55).

Caminhar não é apenas etnografar, “é também escutar, em cada lugar quem vive e quem conhece a cidade”, redescobrir a filosofia peripatética dos gregos sentados à sombra. A estratégia peripatética é arte cívica. Aliás, cívicas no plural porque é transdisciplinar e modelo de educação, do fazer conhecer a estudantes e cidadãos as realidades estranhas às suas rotinas cotidianas, como uma universidade nômade, tipo de Stalker para viver e modificar o espaço que habitamos. É um perder-se conscientemente numa procissão ritual. Iniciático, onde estudantes entram em contato pela primeira vez com o outro, onde são transformados numa espécie de tribo Itinerante. Sem o tabu da propriedade privada. Entram nos espaços alheios, para construir uma relação criativa com o outro.

Enfim, “quem perde tempo ganha espaço”. Reencontrar o prazer da reapropriação dos espaços. Refletir sobre o desafio da construção de uma mentalidade progressista e libertária diante do obstáculo representado pelo poder nos processos de discriminação e xenofobia nas grandes cidades. Busca-se a liberdade antes que seja tarde caminhar para morrer de frente ao mar: “Aos poetas não se pede nada e dos poetas ninguém espera nada” – diz Careri. O homo ludens, aquele que “atua sobre o seu entorno, interrompe, muda, intensifica seu microcontexto imediato”. O jogo do corpo, (Guedes, 1997) produz a mobilidade e permeia a relação de sobrevivência no espaço prático da experiência.

Notas de fim:

1. José Saramago. Ensaio sobre a cegueira
2. Em 1985 um conjunto de artistas e arquitetos romanos realizou a pé a volta inteira das zonas abandonadas de Roma e essa ação denominou Stalker. Através dos territórios atuais de Roma esse passeio ou visita urbana produz uma nova didática com novos significados. Foi inspirado pelo cineasta russo Andréi Tarkóvski que, em 1979, realizou um dos filmes mais importantes do século: Stalker. Essa ideia inspirou seu primeiro grupo de estudos peripatéticos.
3. O mattatoio, tradução: matadouro fazia parte do complexo do antigo Porto Fluvial de Roma. Lugar onde eram armazenados, mortos e distribuídos animais (suínos e bovinos) para a região. Projeto do Arquiteto Giocchino Ersoch, o mattatoio foi concluído em 1889 e colocado em operação nos primeiros meses de 1890. Segundo Celma Paese no artigo “Walking Mattatoio: uma experiência de acolhimento” de 2013, na época Roma contava com 430.000 habitantes. O pórtico principal de ingresso do mattatoio dá acesso ao Campo Boarium onde eram armazenados os animais para o abate. O pórtico conta com três aberturas: a primeira no prédio central do pórtico que era utilizado pelos guardas e funcionários administrativos e duas aberturas laterais para a entrada de muitos animais. O pórtico de acesso é cercado por dois edifícios laterais de dois andares: ao lado direito abrigava a residência do diretor, sala de reuniões e administração; ao lado esquerdo a sede dos escritórios de saúde, inspeção e controle dos animais. Na lateral do edifício da direita localizavam-se as casas de banho e no da esquerda as fábricas para o processamento de sangue. Os estábulos para o gado circundavam o campo. O gado vinha marchando do Campo Boarium e ingressava no grande espaço interior que configurava ambiente real de abate: à esquerda havia o campo para o processamento de carne de porco e à direita o abate da carne de gado. A saída da carne processada se dava pelo pórtico traseiro do complexo, em frente à ponte Testaccio. O mattatoio foi fechado em 1975, quando Roma já contava com 3.000.000 de habitantes. Hoje, o mattatoio é um local de interesse cultural. Abriga parte da Faculdade de Arquitetura de Roma 3 e parte da Academia de Belas Artes, espaços de exposições do Museu de Arte Contemporânea de Roma – MACRO – entre outros usos.
4. Hic sunt leones. Aqui estão os leões. Frase latina usada para referir-se às terras ainda não exploradas na África pelos navegantes em suas cartografias.
5. Equipamento que se encontra embaixo da quilha do barco e que permite navegar contra o vento. Aquela protuberância submarina que é mais profunda e quanto menos o casco se move transversalmente menos perde tempo e espaço para chegar com determinação à meta.
6. Onde os sujeitos acreditam que derivam suas vidas das circunstâncias dadas. Não sabem que, na verdade, são derivados delas. Vida capitalista selvagem que causa esquizofrenia e sofrimento permanente.
7. Ver por exemplo o filme: “Ciganos da Ciambra”. Em Ciambra, uma pequena comunidade romana na Calábria, Pio Amato não vê a hora de virar adulto. Aos 14 anos, ele já faz uso de álcool, fuma e é um dos poucos a circular com facilidade entre os grupos da região, os italianos locais, refugiados africanos e o grupo de ciganos Romani. Pio tem como referência seu irmão mais velho Cosimo, mas quando ele desaparece, Pio vê uma chance de provar sua maturidade. Logo se encontra diante de uma decisão que coloca tudo à prova. Lançamento 2018 no Brasil. Direção: Jonas Carpignano. Com o título original de “A Ciambra”, o filme aborda o rito de passagem de um jo-

vem cigano de 14 anos interpretado pelo ator Pio Amato na pequena comuna de Gioia Tauro, região da Calábria. O filme também encanta pela atuação do elenco e pela forte estória. Conta com produção executiva de Martin Scorsese e produção do brasileiro Rodrigo Teixeira, da RT Pictures. O filme explora as angústias da comunidade de imigrantes de forma extremamente realista. A amizade entre diferentes grupos de excluídos e as questões éticas.

8. Savoengo ker, ou la casa de tutti, significa, na língua romani, “a casa de todos”. Tipo de casa-manifesto construída por mutirão com festa e alegria. Savoengo ker foi queimada em 2008. Semelhante a outro okupa, o coletivo o Cassino 900 que foi despejado em 2010 quando seus moradores foram deslocados para as “vilas de solidariedade” citadas acima.

9. Título original: Une Saison en France, 2018. Filme do diretor centro-africano Mahamat Saleh Haroun.

10. MTST. Movimento dos Trabalhadores Sem Teto.

11. Gênesis 11, de 1 a 9.

12. Victor Turner ao comentar que toda estrutura social, acompanhada pelos ritos que concedem direitos de acesso a determinadas esferas de poder ou status, coopera para a existência de uma antiestrutura na medida em que produz sujeitos liminares, transitórios ou não, que se agrupam em communitas. Turner, Victor. Verbete: Liminaridade e communitas – IN. Enciclopédia de Antropologia. Sítio <http://ea.fflch.usp.br/>.

13. María Alejandra Rerele-Imery, para o Rio On Watch. Traduzindo ‘Favela’ Parte 2: Uma Viagem pela América Latina. A autora comenta os diferentes nomes para as favelas. Entre outros como barrio marginal, cinturón de miséria, población callampa, campamento, barrios pobres e barrio malo etc. Sítio <http://riononwatch.org.br/?p=9362>.

14. O Supremo Tribunal Federal do Chile encerrou a investigação da morte e ratificou que Allende se suicidou. “Fato investigado não é constitutivo de crime”, diz sentença”.

15. Don Nolbe canta entre as estações de Metrô da linha quatro, L4 entre as estações de Tobalaba e Plaza de Puente Alto.

16. Poma canção “Pobre, pero no colgao”. CD Don Nolbe y sus verdades. Entrevistado em Santiago, Chile em 2016. Don Nolbe canta entre as estações de Metrô da linha quatro, L4 nas estações de Tobalaba e Plaza de Puente Alto. Agradecimentos a Fernando Espósito Galarce pela ajuda na tradução.

17. Bolivianos, peruanos e haitianos 22/08/2014 são resgatados em condições de escravidão em SP. Fiscalização também encontrou bolivianos em oficinas de costura. Trina e uma pessoas foram libertadas em operações no Brás e no Mandaqui. Fonte: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/08/haitianos-sao-resgatados-em-condicoes-de-escravidao-em-sp.html>.

18. Denúncias de haitianos sobre más condições de trabalho são investigadas em Caxias do Sul. Imigrantes reclamam da precariedade do alojamento, da qualidade de refeições, além da falta de pagamento do 13º e horas extras. Investigação é da Polícia Federal e do Ministério do Trabalho. Fonte: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/pf-e-ministerio-do-trabalho-investigam-denuncia-de-mas-condicoes-de-trabalho-feitas-por-haitianos-em-caxias-do-sul.ghtml>.

19. Segundo o Jornal Repórter Brasil, o principal caso envolvendo a libertação de haitianos no Brasil até hoje culminou no resgate de 172 trabalhadores – entre eles, os 100 haitianos que viviam em condições degradantes. O flagrante de escravidão aconteceu em uma obra da mineradora Anglo American no município mineiro de Conceição do Mato Dentro, que tem população de 18 mil habitantes e fica a 160 quilômetros de Belo Horizonte. A fiscalização aconteceu em novembro de 2013 a pedido da Assembleia Legislativa de Minas Gerais depois que a chegada da mineradora foi discutida em uma audiência pública. “Houve um incremento de cerca de 8 mil trabalhadores por conta da presença da mineradora e a cidade não estava preparada”, explica auditor fiscal Marcelo Gonçalves. Fonte: <https://reporterbrasil.org.br/2014/01/imigrantes-haitianos-sao-escravizados-no-brasil/>

20. Num território ocupado por milícias paramilitares, a comunidade Muzema, alvos de operação contra grilagem são suspeitos de envolvimento no assassinato da vereadora Marielle. Ela sabia andar pelas ruas e vielas cariocas, mas foi assassinada junto ao seu motorista na noite da quarta-feira dia 14 de março de 2018 por combater essas mesmas milícias. *Jornal Extra*, RJ. 12/04/2019. Estas mesmas milícias são acusadas de escravizar imigrantes haitianos em obras irregulares na Cidade do Rio de Janeiro. Quatro haitianos foram resgatados em situação análoga à escravidão. <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/haitianos-em-condicoes-analogas-a-escravidao-sao-resgatados-em-jacarepagua-rio.ghtml>.

21. Haitianos em condições análogas à escravidão são resgatados em Jacarepaguá, Rio. Os quatro estrangeiros trabalhavam num empreendimento ilegal. Apartamentos inacabados eram vendidos por R\$ 45 mil. Fonte: *Jornal O Globo*, 28/06/2018. <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/haitianos-em-condicoes-analogas-a-escravidao-sao-resgatados-em-jacarepagua-rio.ghtml>.

23. Tipo de pirâmides astecas.

24. Música: Brasil livre – Rapper Flávio Renegado e Ivan. (2018).

25. Segundo o sociólogo Jessé de Souza, o conceito de populismo é uma grande mentira contada por alguns intelectuais brasileiros. “Segundo a noção de populismo, os pobres que vêm do campo para cidade, que não foram à universidade e que não leem os grandes autores por não ter instrução são facilmente manipuláveis. Os líderes são, dessa forma, vistos como manipuladores”. Segundo ele, o conceito tem dois efeitos: limita o alcance da noção de soberania popular e estigmatiza os líderes. Quando o pobre escolhe em suas fileiras um representante, este é prontamente chamado de populista. Fonte: <http://cee.fiocruz.br/?q=jesse-de-souza-identidade-do-brasileiro-e-fruto-de-tres-mentiras-contadas-pela-elite>.

26. A contraviolência em Fanon e Florestan, por Paulo Henrique Fernandes Silveira. *Jornal GGN*. Fonte: <https://jornalggm.com.br/noticia/a-contraviolencia-em-fanon-e-florestan-por-paulo-henrique-fernandes-silveira/>.

Referências Bibliográficas

BERNARDINI, Aurora. *Artigo: Francesco Careri: Arquitetura e Poiesis*. Sibila. Revista de poesia e crítica literária. Ano 18 - ISSN 1806-289X. SP. 20 jul 2016. Sitio: <http://sibila.com.br/critica/francesco-careri-arquitetura-e-poiesis/12643>. Acessado em maio de 2018.

DON NOLBE; *Pobre, pero no colgao*. IN. CD Don Nolbe y sus verdades. Trovador encontrado na linha quatro do metrô de Santiago, Chile em 2016.

CARERI, Francesco. *Caminhar e parar. Caminhar e parar*. Editorial Gustavo Gili. Coleção GGperfis. Trad.: Aurora Fornoni Bernardini. ISBN/EAN: 9788584520909. SP. 2017. 128p.

FANON, F. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

GUEDES, Simoni Lahud. *Jogo de corpo - Um estudo de construção social de trabalhadores*. Série Antropologia e Ciência Política, v. 6. Eduff. Niterói. 1997.

JACQUES, Paola Berenstein. *O grande jogo do caminhar*. Resenha do livro Walkscapes de Francesco Careri. Revista eletrônica Vitruvius, 2013.

PAESE, Celma. *Walking Mattatoio: uma experiência de acolhimento*. https://wp.ufpel.edu.br/paralelo31/files/2015/03/07_artigo06_celma.pdf. 2013.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.---